

IMAGEM

Arquiteto Fala

ARQUITETO FALA

Nestes últimos anos, parece-nos que fica evidente o atual estágio cultural que exacerba-se sobre todo o urbano. A Pós-modernidade nos trás um novo aspecto que direciona e domina - principalmente - todos os outros setores estruturais da sociedade, que antes se viam claramente em sua totalidade: a cultura. Cultura esta que, abrangendo todo o campo de atuação Pós-moderna, cria uma rede intrincada e complexa onde se encontram interligadas inexoravelmente, todas as estruturas que conformam nosso contemporâneo - a economia, a política, as artes, o urbano, a informação, o cotidiano, etc., etc.. Neste aspecto, a arquitetura, como filho exemplar da cultura durante tantas Eras, não se exime de uma participação especial neste contexto da máxima culturalização do Pós-moderno. Muito menos a cidade que a abriga como lugares específicos desta. Neste estado das coisas situado no Pós-moderno Del Rio nos expõe este momento, em um resumo de suas características antenado com o discurso crítico corrente:

"As cidades estão sofrendo modificações profundas, em termos de sua própria natureza, de suas qualidades tradicionais e de seus reflexos em nosso cotidiano. Novas acessibilidades, processos, relações e artefatos atestam a fragmentação e a desarticulação dos espaços urbanos e de nossas relações com eles, configurando o desenho da cidade pós-moderna: a urbanidade incompleta dos enclaves residenciais e edge cities, simulacros de revitalização em áreas centrais, shopping-centers como museus e museus como shopping-centers, socializações controladas, parques temáticos como alienação desejada e turismo de consumo, intervenções requalificadoras de áreas comerciais"1 .

O domínio do cultural é algo patente no urbano e em todas as esferas que congrega para si. As mídias e os novos lugares espetacularizados de uma cidade não menos diferente, celebram o urbano à este ideal em sua plenitude. Os arquitetos, atores passivos da cidade-espetáculo, produzem arquiteturas num mesmo grau de passividade, coadunando ordeiramente com as imposições estilísticas, mercadológicas e prontamente cheias de valores ecléticos e pluralistas, mas vazios de conteúdo significativo ou crítico, onde a urbanidade da aparência se alia ao esvaziamento corrente do sentido de lugar como permanência ou mesmo, como algo coletivo nesta cidade de crescimento vertiginoso. Arquitetos esparsos de conteúdos teóricos e metodologias críticas frente ao contemporâneo, se bastam das diretrizes de Planos Diretores, trabalhando em cima de seus limites impositivos que assumem caracteres formais e constitutivos de sua própria arquitetura, criando um contexto padronizado que constrói, inevitavelmente, a imagem urbana das cidades. Limites e restrições que são utilizados em sua máxima eficiência, não por um bem-estar da cidade a nível formal ou

espacial, mas direcionados estritamente pelo olhar mercadológico, restrito e desvinculado por natureza (ou por convenção) de qualquer ideologia que não a do Capital.

Portanto, esta não-crítica, esta falta de conteúdos discursivos e metodológicos às voltas do ato de projetar, e conseqüentemente, do construir a cidade, é a marca da diferença que se torna relevante no contemporâneo. Por esta razão, vemos que a constituição dos lugares de nossas cidades, devem passar intrinsecamente pelo crivo da discussão crítica de suas arquiteturas em relação a sua inserção neste urbano, o qual não é um mero espectador de atuações dispersivas. Pelo contrário, é vivo, mutável, maleável e passível de diálogos abertos, mas francos com o seu entorno. A discussão sobre a noção do lugar na atualidade, passa primordialmente, pela discussão mesma da arquitetura, no seu papel no urbano como constituidora básica dos lugares da cidade, sejam eles públicos, semi-públicos ou privados. O lugar, que antes na cidade tradicional, era uma conjunção de fatores, ou fatos urbanos, nos dizeres de Rossi, ligados pela história, tradição e memória de um povo, formando a essência mesma do lugar, onde a arquitetura tinha uma importância imprescindível se configurando como um resultado das necessidades espaciais e simbólicas da própria conformação do tecido da cidade, hoje, neste estado avançado do cultural, transfere à própria arquitetura a sua imagem mesma do lugar, sua marca, seu conteúdo e receptáculo, sua expressão onde se agregam todos os seus significados.

Então, se a cultura assume o manto da urbanidade do fim do século, tendo na arquitetura a forma mais evidente de sua materialização, deve essa pois, não se relegar a um simples papel de receptor de imagens culturais, mas expressar um caráter crítico com relação ao seu entorno, discutir, dialogar, apropriar-se de elementos que se referenciem a este entorno, as suas peculiaridades e conformações. Em nosso contexto culturalizado, o histórico e tradicional passam hoje por elementos que completam este quadro do urbano cultural. Sua ênfase não é maior do que de outras mídias que à muito já participam desta urbanidade. Mas se tirar partido crítico do contexto cultural, não é assumir passivamente as imposições desta mesma condição cultural. É ter a tarefa de criar um lugar, na essência mesma da arquitetura, que agregue para si, elementos, fatos, que conformem sua composição, sejam eles históricos, topográficos, tradicionais da própria arquitetura local, referenciais a cidade mesma como um contexto mais amplo, naturais ao tirar partido de belas paisagens e visuais, climáticas ao se utilizar da luz natural e dos ventos ou se precaver de intempéries indesejadas, e logicamente, humanas, que resumem os outros nas necessidades espaciais e simbólicas do homem, exaltando sua existência como "usuário" ávido por novos espaços, que na sua própria essência, não devem favorecer a alienação ou a submissão midiaticizada, mas expor um espaço crítico, intrigante e passível de interpretações, não dúvidas ou abstrações simplistas. Um lugar aberto mas ligado ao contexto, por volumetrias, texturas, cores, releituras variadas que não se eximem do contemporâneo mas o olham sempre com um olhar crítico de uma conversa ativa, possuidora de caráter e personalidade próprias, mas sempre aberto as novas idéias de mesmo teor. Um lugar expresso em uma arquitetura respeitosa a cidade, e principalmente, ao seu caráter humano que tem sido solapado pelos interesses especulativos e comerciais que impõe o lado mais ávido do Capital. Lugares de arquitetura não padronizada, mas variada conforme cada necessidade dentro do próprio discurso formal e estético de cada arquiteto ou urbanista. Variações que ajudam na própria renovação da

cidade, mas possuidoras de uma unidade básica: a tônica do lugar² .

Como falamos, esta é uma idéia de lugar, não exatamente um conceito, mas algo mais aberto, passível de interpretações errôneas ou desvirtualizadas pelos o que a assumem sem o correto compromisso, mas que tem no fator "crítico" a marca de sua qualidade, em que, todos os outros valores de que falamos anteriormente para esta arquitetura, estejam inclusos neste valor do "crítico" como formas, métodos de converter o contexto à uma arquitetura coerente com sua cidade. Felizmente, percebemos que não nos encontramos sozinhos em nossas idéias como nos demonstra Del Rio, em sua posição bem próxima a nossa:

"Cabe aos arquitetos e urbanistas redirecionarem a sua prática, fundamentando-se em uma postura crítica o suficiente de modo a, dentro do que se entende por sociedade pós-moderna, ainda poderem orientar o desenho das cidades para futuros pluralistas e democráticos, respeitosos da idiossincrasia dos lugares e da individualidade de seus cidadãos"³ .

Mesmo tendo algumas ressalvas ao termo "pluralismo", que se assume hoje de um tom pejorativo de ecletismo descompromissado, concordamos com Del Rio no fato do papel do arquiteto contemporâneo em sua relação com a cidade e seus lugares. A falta de compromissos éticos e de caráter reinantes na cidade contemporânea, cria um mar de arquiteturas padronizadas que se enfeitam em nome de uma falsa diferença, onde os lugares, antes formadores básicos do urbano, se transformam em ilhas isoladas no meio deste turbilhão da falta de criatividade e sensibilidade com a cidade. Urge a necessidade de arquitetos e urbanistas de renovarem o urbano através de lugares adequados integrados e vivos, onde a urbanidade formada pela coletividade se faça presente e marque a existência destes lugares . Espera-se, sinceramente, que nossas cidades não caminhem para o esvaziamento total de seu significado, como prevêem alguns, e que arquitetos e urbanistas sejam ainda portadores de valores que mantenham um caráter positivo de sua urbanidade. Esse é sem dúvida alguma, o desafio que nos impele o próximo século e o seu urbano que já começa a se delinear a nossa frente.

FABIANO VIEIRA DIAS

é arquiteto do ARCHISTUDIO-idéias arquitetônicas

Texto escrito a partir da conclusão final do Trabalho de Graduação em Arquitetura e Urbanismo do autor, intitulado "O LOCUS ARQUITETÔNICO. Uma idéia de lugar na história da cidade e de sua arquitetura . DAU-UFES, 1997"

1 . DEL RIO, Vicente. Considerações sobre o desenho da cidade pós-moderna (texto). Novos recortes territoriais, novos sujeitos sociais: desafios ao planejamento. Anais do VII Encontro Nacional da ANPUR. MDU/ UFRE, v. 1, p. 685. Recife, 1997.

2 Tomando o teor crítico como primordial na constituição dos lugares das cidades contemporâneas, poderíamos estar nos aproximando do mesmo discurso que propõe Frampton na defesa de uma arquitetura regional. Mesmo concordando com a posição de Waisman - aparte de qualquer discussão relativa a localização geográfica das contendas às voltas com o termo - a qual reclama por uma arquitetura da "divergência" ao contrário da "resistência" defendida por Frampton, frente a cultura universalizante, sentimos que esta idéia de um lugar que albergue um contexto mais amplo e crítico do cultural, está mais ligado aos preceitos defendidos por Ernesto Nathan Rogers, em suas "preexistências ambientais", não se esquecendo logicamente do contexto histórico em que foram desenvolvidas, mas tirando delas esta relação mais aberta com o contexto, integrando modernidade (que aqui entendido como uma arquitetura mais contemporânea, porque não dizer Pós-moderna) com a história, tradições locais, condicionantes ambientais e climáticos, que compõem este leque cultural amplo como forma de renovação constante. Também não podemos esquecer de arquitetos como Louis Khan, Aldo Rossi e Álvaro Siza -, pois deles também se faz necessária uma especial atenção em suas abordagens quanto ao lugar e ao contexto, que se tornam subsídio para qualquer discussão ou conceituação que se faça sobre este assunto em questão. Deles temos o respeito a cidade, a sua história, a adaptação à contextos diferentes, a relação do homem com o lugar, com a essência de seu sentido de permanência e existência como indivíduo; valores que devem ser mantidos e eternamente resgatados como contraponto crítico ao inerente processo de massificação e perda do sentido pelo que atravessa nosso urbano, bem como nossa sociedade.

3 . DEL RIO , op. cit., p. 710.



| [E-MAIL](#) | | [ASSINATURA](#)

Artigo publicado na Revista Imagem Urbana, Ano 1, pag.s 90-91. Vitória, Março de 1999.